



CAROLE MATTHEWS

O Clube das
Chocolateiras

Que diamantes que nada! O melhor amigo das mulheres é o chocolate!

B
BERTRAND BRASIL

“Carole Matthews é uma das poucas escritoras que, como Marian Keyes, tem o dom de contar histórias agradáveis, sedutoras e bem-humoradas.”

DAILY RECORD



Algumas mulheres são viciadas em compras; outras, em champanhe. Já umas curtem bons livros; outras estão sempre nas melhores boates.

Lucy Lombard, porém, só não consegue viver sem uma coisa: CHOCOLATE.

Delicioso, cremoso, docinho, tudo de bom!

Insustituível, não há nada que ele não cure, desde coração partido a dor de cabeça.

E nossa amiga não está só; compartilha sua paixão por essa iguaria com outras três viciadas, Autumn, Nadia e Chantal.

Juntas, elas formam um grupo seleta, denominado Clube das Chocólatras.

Sempre que há uma crise, elas se reúnem em seu santuário, o Paraíso do Chocolate.

Com um namorado galinha que vive prometendo mudar, um chefe paquerador, um marido viciado em jogo, um casamento sem amor, assunto é o que não falta entre elas...

Os livros de Carole Matthews são sucesso de público e crítica em todo o mundo. O senso de humor peculiar dessa autora vem atraindo incontáveis fãs. Além de aparecer nas listas dos mais vendidos do *New York Times* e do *Sunday Times*, vários de seus romances foram parar em Hollywood. Carole Matthews participa de programas de TV e rádio. Quando não está escrevendo romances em sua casa, em Milton Keynes, e trocando e-mails com os fãs, adora comer chocolate e viajar para lugares distantes.

Se você quiser descobrir o que anda acontecendo com Lucy Lombard e as demais participantes do Clube das Chocólatras, não perca o próximo romance de Carole Matthews, *A Dieta das Chocólatras*.

O Clube das Chocólatras

ABAS

"Carole Matthews é uma das poucas escritoras que, como Marian Keyes, tem o dom de contar histórias agradáveis, sedutoras e bem-humoradas."

DAILY RECORD

Algumas mulheres são viciadas em compras; outras, em champanhe. Já umas curtem bons livros; outras estão sempre nas melhores boates.

Lucy Lombard, porém, só não consegue viver sem uma coisa: CHOCOLATE. Delicioso, cremoso, docinho, tudo de bom! Insubstituível, não há nada que ele não cure, desde coração partido a dor de cabeça. E nossa amiga não está só; compartilha sua paixão por essa iguaria com outras três viciadas, Autumn, Nadia e Chantal. Juntas, elas formam um grupo seleta, denominado Clube das Chocólatras. Sempre que há uma crise, rias se reúnem em seu santuário, o Paraíso do Chocolate. Com um namorado galinha que vive prometendo mudar, um chefe paquerador, um marido viciado em jogo, um casamento sem amor, assunto é o que não falta entre elas...

Os livros de Carole Matthews são sucesso de público e crítica em todo o mundo. O senso de humor peculiar dessa autora vem atraindo incontáveis fãs. Além de aparecer nas listas dos mais vendidos do *New York Times* e do *Sunday Times*, vários de seus romances foram parar em Hollywood. Carole Matthews participa de programas de TV e rádio. Quando não está escrevendo romances em sua casa, em Milton Keynes, e trocando e-mails com os fãs, adora comer chocolate e viajar para lugares distantes. Se você quiser descobrir o que anda acontecendo com Lucy Lombard e as demais participantes do Clube das chocólatras, não perca o próximo romance de Carole Matthews, *A Dieta das Chocólatras*.

Contra-capa

"Você se divertirá muito com as inúmeras cenas hilariantes deste livro!"

OK! MAGAZINE

"Uma história divertida e romântica, muito gostosa de ler."

MARIE CLAIRE

Se você compartilha da paixão de Carole Matthews por chocolate, visite o site www.thechocolateloveisclub.com e conheça fatos interessantes sobre esse alimento, prepare as deliciosas receitas oferecidas pela autora e leia seus incríveis contos.

Ou acesse www.carolematthews.com para conhecer seu delicioso universo. Caso deseje entrar em contato, escreva para ela: cmatthews@aol.com

A pesquisa para realizar este livro não foi nada fácil — tanto chocolate, em tão pouco tempo! Gostaria de agradecer a todos que contribuíram para meu trabalho, transformando o fascínio por chocolate em uma grande obsessão. A Lucy e Barry Colenso e aos funcionários da Thorntons — sobretudo a Paul Hales — pelas informações e pelo entusiasmo. A Sue Castlesmith, do Centro de Conferências Hayley, pelo fim de semana dedicado ao consumo de chocolate, que quase serviu como uma terapia aversiva. À minha mãe, que se dispôs a comer vários bombons. A Davina McCall, pelos excelentes DVDs de ginástica que me ajudaram a equilibrar um pouco o consumo de calorias. E a meu querido Kev, por ter compartilhado comigo a árdua tarefa de consumir tanto chocolate, com a disposição de sempre.

Capítulo Um

Quero mais — disse eu. — Tem certeza? — indagou meu fornecedor, arqueando as sobrancelhas. — Sei qual é o meu limite. — Mas está exagerando na dose — avisou ele. — Até mesmo você, viciada convicta.

— Jamais!

Nos momentos de crise, eu sempre recorria à minha droga favorita, o Madagascar, oriundo de uma única plantação. Não existia nada, absolutamente nada, que ele não curasse. Era um santo remédio para qualquer coisa, de coração partido a dor de cabeça, e garanto que já tivera de enfrentar uma boa dose de ambos os problemas.

— Pode ir passando. — Acenei com a cabeça, solenemente, e meu fornecedor me deu a droga, levando-me a suspirar de alívio. Chocolate. Hum. Hum. *Humm!* Delicioso, cremoso, adocicado, tudo de bom! Eu sempre queria mais!

Bastou dar a primeira mordida e seu sabor reconfortante e agradável já começou a apaziguar minha dor. Às vezes, era tudo de que precisávamos.

— Está melhor?

— Um pouco — respondi, com um leve sorriso.

— As demais vão chegar daqui a pouco e, então, você vai se sentir melhor.

— Eu sei. Obrigada, Clive. Você é um amor.

— Faz parte do serviço, querida. — Acenou-me com seu jeito afeminado; nada que surpreendesse, por sinal, já que ele era gay.

Depois de pegar minha mercadoria, escolhi um sofá no canto e deixei-me afundar nele. Meus músculos tesos relaxaram aos poucos e, assim que senti o forte aroma de baunilha, minha mente desanuviou também.

Não era a única a ter esses desejos. De jeito nenhum! Fazia parte de uma mini-associação, de sócias perfeitas, batizada de Clube das Chocólatras. Nosso grupo, assumidamente culpado, era formado por apenas quatro participantes, que se encontravam ali, no Paraíso do Chocolate, sempre que podiam. Aquele lugar era o éden dos viciados — o equivalente a um antro de ópio para todo chocólatra. Ficava escondido numa ruela de pedras, num bairro elegante de Londres, cujo nome não iria revelar, evitando assim que meu segredo fosse exposto e que um bando de mulheres deslumbradas e ansiosas estragasse nosso recanto especial. Era o mesmo que acontecia quando se descobria um local maravilhoso para passar as férias — incontáveis quilômetros de praias desertas, de areia branca, com restaurantes e casas noturnas pequenas e aconchegantes. Então, a pessoa fazia propaganda dessa atração turística, ressaltando seus pontos positivos, e, já no ano seguinte, ela ficava entupida de gente, que chegava em um dos vôos superbaratos da Easyjet. Daí, ninguém conseguia se mover na praia cheia de corpos gorduchos, com suas cangas artesanais de alguma loja varejista e sons portáteis. Os restaurantes aconchegantes passavam a servir batata frita com lingüiça, e as casas noturnas a oferecer bebidas pela metade do preço e máquinas de espuma. Assim sendo, por enquanto, o Paraíso do Chocolate seria o reduto de uma minoria seleta. E eu torcia para que continuasse assim!

Apoei a cabeça no sofá e subi aos céus de novo, ao meter outro pedaço de chocolate maravilhoso na boca. Suspirei mais uma vez.

Sou Lucy Lombard e acho que posso ser considerada a fundadora do clube, pois tive a sorte de ser a primeira a achar o Paraíso do Chocolate. Naquele dia, um encontro improvisado do grupo havia sido marcado às pressas. Quando uma de nós enviava a mensagem de texto EMERGÊNCIA CHOCOLATE, todas tentavam deixar suas obrigações de lado e iam de imediato ao nosso santuário. Era o mesmo que dizer a um médico de plantão que seu paciente tivera uma parada cardíaca. Daquela vez, fui eu quem solicitou a reunião. Mal podia esperar para contar a elas o que acontecera; não iriam acreditar. Bom, pensando melhor, iriam, sim.

Autumn chegou primeiro. Entrou assim que coloquei na boca o último pedaço de chocolate.

— O que houve? — perguntou, sem fôlego. Autumn Fielding era o tipo de pessoa superatenciosa.

— Marcus. De novo — comentei. Teoricamente, esse deveria ser meu querido namorado, mas depois eu falo mais sobre ele.

Autumn deixou escapar uma exclamação de desprezo.

Muito tempo atrás, eu costumava ir até ali sozinha e me isolar num canto qualquer. Não gostava de comer na frente de ninguém, ainda mais quando estava saboreando chocolate. Imagino que os viciados tampouco gostem de ser observados enquanto fumam seus cachimbos de craque ou injetam heroína. E meio degradante ser flagrado em plena depravação. (A não ser que a pessoa curta ser observada.) Eu não chegava a babar, mas, às vezes, tinha a sensação de fazê-lo.

Há que se convir que qualquer atividade que envolva baba deve ser realizada em privacidade.

Foi numa das minhas inúmeras idas àquela chocolataria que conheci Autumn. Quando ela chegou, não havia um lugar sequer disponível, exceto ao meu lado, então ela se sentou ali e a gente se deu bem de imediato. Também pudera, impossível alguém *não* gostar dela — a menos que essa pessoa deteste gente solícita. Mas eis aqui um pequeno conselho. Atenção, pais: se chamarem sua filha de Autumn, ela certamente terá cabelos ondulados, será ruiva e votará no Partido Verde — exatamente como minha amiga.

Autumn parecia feita de chocolate, com alto teor de cacau. No mundo da psicologia desse alimento — eu tinha certeza de que havia um —, isso indicava que ela ocultava seu lado obscuro. Minha amiga costumava mordiscar o chocolate, economizando cada pedaço ao dar as pequenas dentadas. A meu ver, esse hábito fazia com que se sentisse menos culpada com relação aos pobres. Eu sabia que era o que lhe passava pela cabeça quando sucumbia à tentação de comer chocolate. Enquanto nós nos preocupávamos com a quantidade de calorias consumidas e com o tempo que elas permaneceriam nos nossos quadris, Autumn pensava nas crianças famintas que sobreviviam com uma tigela de arroz por dia e nunca podiam comer chocolate. Eu não pensava nessas crianças; procurava bloqueá-las por completo da mente, já que, para ser franca, já tinha muito com que me preocupar em casa.

— A gente precisa tomar chocolate quente para se animar — sugeriu ela, tirando o cachecol, provavelmente feito por alguma adolescente mexicana pobre, que ganhava uma libra por ano para tricotar numa favela cheia de lixo. Eu precisava comer mais chocolate para me sentir melhor.

— Clive — chamei nosso amigo e fornecedor do balcão. — As outras vão chegar daqui a pouco. Pode preparar chocolate quente pra gente?

— Claro — disse ele, já pondo mãos à obra.

Nadia chegou. Abraçou-me e lançou-me um olhar penetrante.

— Ele não é bom para você.

— Eu sei. — Todas sabíamos. Ela nem precisou perguntar por que eu estava chateada. Sempre era por causa do Marcus. — Já pedi chocolate quente.

— Ótimo.

Nadia Stone foi quem acabou transformando nossa dupla num grupo. Chegou um belo dia ao Paraíso do Chocolate, na hora do almoço, e, com semblante estressado e choroso, pediu uma grande variedade de doces para o companheiro e sócio de Clive, Tristan, com mais afobação do que bom gosto. Tanto eu quanto Autumn nos solidarizamos com ela, por termos passado por isso milhares de vezes. Então, foi mais do que justo ampará-la naquele momento.

Autumn e eu já havíamos começado a nos encontrar ali uma vez por semana, em algumas ocasiões até duas, quando nossos níveis de estresse assim o exigiam. Aquela altura, todas tínhamos uma espécie de acordo informal.

Nadia era a única de nós que já era mãe. Seu filho, Lewis, tinha três anos e tomava muito seu tempo — não é o que acontece com todos? Ela estava chorando no dia em que a conhecemos justamente por ter passado várias noites sem dormir, mas, agora, a situação já estava melhor. Lewis vinha dormindo melhor e Nadia conseguia realizar suas atividades no mundo real.

Ela não era mesmo muito criteriosa na hora de escolher o chocolate. Embora afirmasse se tratar de seu único alívio, parecia devorá-lo sem nem ao menos saboreá-lo. Um verdadeiro crime para mim. Se a pessoa tem um vício, deve ao menos curtir-lo. Nadia comia chocolate para se sentir melhor, suponho que tal como ocorre com 99 por cento da população feminina. Como eu, mantinha as convenientes curvas do manequim quarenta. Mas jogava a culpa na gravidez, afirmando que nunca conseguira voltar ao normal depois de ter tido um filho. Já eu culpava o fato de ela roubar todos os chocolates do menino antes de ele chegar perto. Nadia já admitira comer o recheio dos biscoitos de Lewis quando ele estava distraído.

— *Odeio* este clima britânico. — A última participante de nosso grupo a chegar foi Chantal. Deixando-se cair na poltrona, meneou a cabeça para tirar os pingos de chuva dos cabelos brilhantes.

Procedente da ensolarada Califórnia, Chantal Hamilton também era casada, como Nadia. Seu marido, Ted, uma espécie de gênio do setor financeiro da cidade, tinha muita grana. Embora ela fosse a mais velha de todas nós — quase quarentena —, era, de longe, a mais linda e charmosa. Alta, magra, sempre impecável, incrivelmente bela e talentosa. Se fosse uma égua, seria puro-sangue. Chantal cortava os cabelos curtos e escuros com um dos melhores cabeleireiros de Londres — um dos que apareciam na televisão o tempo todo. Nunca se via um fio fora do lugar. No salão, ia para a sala VIP e tomava champanhe enquanto a penteavam. Era mesmo outro mundo! Nossa amiga usava sapatos que faziam meus pés doerem só de olhar. Além disso, freqüentava lojas que requeriam hora marcada com consultores que deixariam clientes com contas bancárias normais de cabelo em pé. Chantal Hamilton tinha mesmo tudo na vida.

Tudo, menos um marido que quisesse transar com ela.

Sério! Nos dias atuais, quando supúnhamos que todos eram loucos por sexo, Chantal e Ted faziam amor uma vez por ano. Duas, se ela conseguisse embebedá-lo no Natal com a mistura letal de vodca e um troço que ela chamava de "gemada". Eca! Mas, no Dia dos Namorados ou no aniversário dela, era tiro e queda; depois disso, tudo saía dos eixos! E bem que ela gostaria de ver Ted colocando tudo nos eixos!

Apesar de toda a sua educação e de seu visual sofisticado, Chantal também era uma consumidora de chocolate inveterada, que se recusava a admitir o *vício*. Nossa amiga americana insistia em dizer que apenas gostava de doces. Um mecanismo de defesa, sem dúvida alguma.

— Por que tivemos que vir? — perguntou ela. — Precisavam ter visto a bunda do fotógrafo que acabei de dispensar. — Comer chocolate não era sua única forma de lidar com a total indisposição do marido de exercer seus direitos conjugais. A bem da verdade, Chantal preferia *comer* seus fotógrafos a dispensá-los. — Espero que seja por um bom motivo.

— Não é — respondi, melancólica.

Clive trouxe uma bandeja com quatro xícaras de chocolate quente com chantili e raspas de chocolate, e colocou-as na mesa de centro. O líquido formava anéis de vapor no ar. Era disso que precisávamos para aquecer nossos pés gelados; era do que eu precisava para aquecer meu coração partido.

— Fiz mil-folhas — disse-nos ele, erguendo os olhos para o céu de forma dramática, em sinal de êxtase. — Camadas finas de massa, aromatizadas com gengibre, cravo, noz-moscada e canela. —Todas soltamos exclamações de aprovação. —Vocês *têm* que provar.

E quem éramos nós para discutir?

— Aqui está, queridinhas. — Ouviram-se suspiros coletivos de expectativa à medida que eu passava os pratinhos.

Eu e as demais participantes do clube nos acomodamos melhor nos sofás macios e fundos. Sorvemos o chocolate quente juntas e soltamos outro suspiro — de aprovação.

— E então? — perguntou Chantal.

Um bigode já se formara no alto da boca de Autumn, que estava com os olhos arregalados de expectativa» Fitei aquele grupo de amigas íntimas.

— Estão bem acomodadas? — Elas assentiram. Em seguida, todas, ao mesmo tempo, pegamos as generosas porções de mil-folhas de chocolate. — Então, vou começar...

Capítulo Dois

Quem come chocolate tem que fazer ginástica: essa é uma regra das básicas que regem o universo. Por esse motivo, nas tardes de terça-feira, eu fazia ioga. Saboreei o último pedacinho do tablete de chocolate e joguei a embalagem no lixo. As seis da tarde, peguei a bolsa de ginástica debaixo da mesa, esperando dar o fora do escritório o mais rápido possível.

Naquela época, trabalhava na Targa, uma empresa de informática especializada em recuperação de dados — seja lá o que fosse isso. Eu só sabia que trabalhava ali havia mais tempo que em qualquer outro lugar, como secretária temporária, desperdiçando por completo as ótimas notas que obtive com muito sufoco na faculdade de comunicação — apesar de muita gente achar que se tratava de uma graduação do tipo "moleza". Na Targa, vigoravam níveis endêmicos de estresse e de doenças, e se usavam

com frequência folgas abonadas. Acho que as aulas de ioga surtiriam mais efeito em algumas de minhas colegas do que em mim. Sempre que uma delas engravidava, o pessoal da empresa dava um jeito de demitir a pobre coitada, só que isso levava algum tempo e requeria bastante jogo de cintura. Então, nos últimos anos, substituí por longos períodos várias funcionárias em supostas licenças-maternidade. A legislação trabalhista não era seguida aqui.

Uma das razões que me levavam a gostar de trabalhar na Targa era sua localização perigosamente próxima ao Paraíso do Chocolate. Se eu fosse rápida, podia dar um pulo lá na hora do almoço. Minha atual missão no escritório era atender aos diversos e amplos caprichos de seis vendedores, sob o olhar perscrutador do gerente de vendas, Aiden Holby.

— E aí, gata? — perguntou ele, ao passar por minha mesa. — Vai colocar as pernas atrás do pescoço esta noite?

A Targa também era uma empresa politicamente incorreta. Assédio sexual e insultos a funcionários chegavam até a ser encorajados — sobretudo porque era a única forma de aliviar o estresse constante. Já na contratação se exigiam capacidade de flertar de modo aberto e uso de vasto linguajar ofensivo.

— Vou. A ioga me chama.

— Eu daria tudo para vê-la se inclinar naquelas roupinhas de ginástica apertadas.

— E mesmo? Ele ergueu a mão.

— Não interrompa este meu momento tipicamente masculino!

— Pode ir sonhando — disse-lhe, já me dirigindo à porta.

— Vou tomar uns drinques com os rapazes no Space Bar, mais tarde — comentou ele, abrindo um sorriso cativante. — Por que não dá um pulo lá?

— Obrigada, mas não posso ir.

— Queria convidá-la para tomar aquela vodca com chocolate de que você tanto gosta.

Era tentador. Só havia uma coisa melhor que chocolate puro: misturá-lo com bebida alcoólica.

— Não vai dar, mesmo — disse eu, esforçando-me para me mostrar virtuosa.

— Pretendia embebedá-la na esperança de que me seduziria. — Você não ia conseguir pagar por tanta vodca.

Aiden deu uma risada.

— Boa-noite, gata. Até amanhã.

Ele sempre me chamava de "gata". Eu não sabia se era porque realmente me achava bonita ou porque, como já haviam passado tantas temporárias por ali, era uma denominação genérica, aplicável a todas, para evitar a incômoda tarefa de ter que lembrar todos os nomes. Eu nunca o chamava de gato, embora ele fosse.

Aiden Holby tinha um charme fora do normal. A mulherada do escritório, sobretudo as que já tinham certa idade e se impressionavam com tudo, achava que ele era o máximo. Alto, moreno e lindo de morrer. O irrepreensível sorriso descarado e o olhar brilhante e malicioso não passavam despercebidos por mim. De vez em quando, eu me pegava falando muito bem dele nos encontros das chokolatras, que começaram a chamá-lo de "paquera". Não que eu tivesse, de fato, uma queda por ele — de jeito nenhum! Além disso, Aiden "Paquera" Holby era um solteirão convicto e eu, uma mulher comprometida, envolvida numa relação antiga. Sempre fui totalmente fiel ao Marcus, embora minhas amigas do clube muitas vezes considerassem essa minha lealdade insensata.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

